

Duas Personagens Femininas de *Histórias de Mulheres* de José Régio¹

Maria José M. Madeira D'Ascensão
Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal

1. No séc. XX, em várias ciências e artes dá-se o desaparecimento da personagem clássica, individualizada. No teatro, deixa de haver um herói; na pintura desaparece a arte do retrato; na sociologia deixa de haver um interesse pela pessoa individual, passando a ser objecto de estudo a classe social; na psicanálise dá-se voz ao inconsciente colectivo...

O mesmo se passa na literatura, pelo que a personagem clássica – o herói do séc. XIX – desaparece, promovendo-se uma certa perda de identidade; valorizando-se, apenas, alguma invasão da sua interioridade, através da sobreposição de traços psicológicos.

Claro está que a literatura de Régio está imbuída de aspectos que contrariam em muito o que era “a regra” - o que, aliás, em nada nos surpreende da parte do autor do “Cântico Negro”. E nomeadamente, no respeitante à construção e perspectivação da personagem: este não é um facto a desprezar. A personagem regiana é dotada de uma densidade e profundidade psicológicas avassaladoras, que servem um destaque, uma individualização opostas ao pretendido na época.

Senão, vejamos, a título de exemplo, o caso de Rosa Maria e Rosa Brava: duas personagens femininas distintas de *Histórias de Mulheres*. Só o facto de ambas terem o mesmo nome próprio – Rosa – aponta para a circunstância de o leitor se ver obrigado a distingui-las, a reconhecê-las “a partir de dentro”, independentemente das categorias - espaço, tempo, personagem, acção, narrador – que as rodeiam.

Régio constrói, assim, duas personagens com o mesmo nome, accionando no leitor a ânsia de as conhecer tão profundamente (ou a tentá-lo...) e contribuindo para o facto de “O texto de José Régio ser habitado por toda uma teoria de heróis devorados pela necessidade de verem e fazerem ver. (...) *de serem frequentemente personagens complicados e minados por uma lucidez corrosiva* [Sublinhado nosso]”, segundo Eugénio Lisboa (Lisboa: 1978: 74-75)

¹ Conferência apresentada no dia 30 de Abril de 2010, no Castelo da Cidade de Portalegre, no âmbito das Comemorações dos 80 anos da chegada de José Maria dos Reis Pereira a Portalegre.

2. Mas, o que pretendo focar, na presente conferência, não é o espírito rebelde de José Régio ou a construção da personagem regiana. Pretendo, sim, abeirar-me de alguns aspectos de algumas – as já mencionadas duas personagens femininas de *Histórias de Mulheres* de José Régio: Rosa Maria e “Rosa, a Brava” - as protagonistas de “Davam Grandes Passeios aos Domingos” e “História de Rosa Brava”. Eis, assim, porque delas apenas falo, em detrimento de tantas outras personagens que contribuem para um ambiente maioritariamente feminino, na novela e conto em questão, sendo que na primeira encontramos uma Tia Vitória, uma D. Alice Caldeira – a Tia Alice; uma Isaura Alice – a Lá-Lá, uma D. Piedade Passos, uma D. Cecília Fortes, e no segundo, uma Isabel, uma Marília, uma Tia Glória, uma Margarida, entre outras com menor relevo.

Importam também estas duas “Histórias” pois que têm como espaço privilegiado em que se desenrola a acção: Portalegre, na novela “Davam Grandes Passeios aos Domingos” e Castelo de Vide, em “História de Rosa Brava”. Duas terras que José Régio destaca, premeia nesta colectânea e que importa diferenciar na presente palestra: pois não estamos nós a comemorar os 80 anos da chegada do professor José Maria dos Reis Pereira; do poeta, escritor, crítico, ensaísta José Régio a Portalegre?

Não terá sido esta uma forma de os escritor presentear a cidade, a região que o recebeu? E não estaremos nós gratos por isso? Por projectar, valorizando, o que é nosso? O que foi dele, também?

Tal como a pessoa real que é retratada no filme por uma personagem e que, por isso, fica sensibilizada, orgulhosa; porque seremos nós diferentes quando Régio referencia a “nossa” Estação de Comboios, logo no início de “Davam Grandes Passeios aos Domingos”? Quando descreve o ambiente escuro e severo (ainda tão actual...) onde “Uma luz vermelhentada tosquenejava triste no escuro; e dir-se-ia que ninguém mais saíra nessa estação e lúgrube, perdida em distâncias que a Rosa Maria nem parecia Portugal” (Régio, 1968: 11)? E os assaltos às casas portalegrenses na Segunda do Entrudo? O ambiente festivo carnavalesco nas Ruas do Comércio e dos Canastreiros, onde as meninas solteiras brandindo os seus trajes, se debruçavam sobre as janelas e sacadas e atiravam, num jogo de sedução, “saquinhos de pedras que imitavam bombons” (Régio, 1968: 44) aos “rapazes da cidade – advogadozitos, estudantes, médicos ainda não formados, empregados do banco” (Régio, 1968: 44), que rivalizavam com os “filhos dos lavradores ricos de Alpalhão, Crato, Santa Eulália, Arronches” (Régio, 1968: 44) que vinham “namoriscar as pequenas”²?

² *Ibidem.*

3. Deste modo, permitam-me que comece por desenvolver a presente conferência com a leitura de um pequeno excerto que ilustra uma parte do espaço físico descrito na novela «Davam Grandes Passeios aos Domingos»:

“O imenso apaziguamento do crepúsculo entrava pela janela aberta. Os olhos de Rosa Maria perdiam-se por esses olivais verde-cinza, esses montados, campos, hortas, que desciam, curveteavam, se espriavam aqui e além semeados dum casinhoto branco, e depois subiam, escurecidos de arvoredo, e se iam perder nas ondas lilases das serras longínquas, nos aguados e finíssimos azuis da névoa... Familiarmente, o seu olhar procurava, à direita, o pinhalzinho verde-negro, por baixo do Sanatório de janelas escâncaras; e procurava; à esquerda, do outro lado da Estrada Nova que dobrava quase ao rés dos poiais mais altos do quintal, a ermida de Sant’Ana caiada de branco e pintada de vermelho; regressava, depois, à linha remota do horizonte; e com esses esbatidos fumos da distância e essas opalinas liquescências do céu se misturava o seu sonho. Alentejo! Alto Alentejo!” (Régio, 1968: 35-36)

E o que tanto inquietava Rosa Maria - a protagonista desta novela, e que a paisagem alentejana tanto acalmava? Pois bem, Rosa Maria era uma jovem rapariga, com poucas posses económicas, que, em virtude de ter ficado órfã, tinha vindo para Portalegre para a casa da irmã de sua mãe - D. Alice Caldeira, a Tia Alice - com o objectivo de ensinar a sua jovem e fútil prima, Lá-Lá, a tocar piano e a aprender labores. A nossa protagonista é, assim, uma jovem simples, humilde, tímida, sonhadora, romântica, ingénua, inocente, sincera, que ingressara num ambiente familiar, sócio-cultural e económico oposto ao seu: um ambiente onde governava a hipocrisia, a aparência, o mundanismo, a futilidade, o material, o interesse. Revoltada, angustiada, triste, pois que em nada se identifica com o seu novo lar e com os seus habitantes e visitantes, Rosa Maria procura sempre a imagem, o retrato da paisagem alentejana no sentido de se acalmar, de nela encontrar algo que lhe era familiar - a essência; a natureza pura, inocente, incorrupta; onde o homem pontilhada e pontualmente põe as suas mãos.

Quando, no dia do assalto à casa da Serra, na Segunda do Entrudo, a nossa protagonista, fragilizada psicologicamente, pois que desajustada do ambiente sócio-cultural de tal evento - a atmosfera viperina e castigadora da inveja; a sedução pura e nua, de carácter meramente carnal; a hipocrisia social - procura, mais uma vez, apaziguamento, cumplicidade, na paisagem alentejana que da Serra avista:

“Lá em baixo, ao longe, esparralhavam-se as luzes da cidade. E na penumbra, em frente, o Monte da Penha dominava tudo sobre a mole negra, naquele seu movimento petrificado súbito, de duas ondas opostas que viessem chocar-se, e no ponto de embate erguessem ao ar uma espuma de penhascos. Sobre esses penhascos, havia uma cruz.” (Régio, 1968: 66-67)

Este pormenor da cruz, da lembrança de que “lá pairava, no alto das fragas, esse símbolo do martírio” (Régio, 1968: 67), serve de consolo a Rosa Maria, pois que de outra forma se identifica com a imagem do sofrimento pelo homem, pelo humano, pelo corrompido.

Não obstante, é precisamente no contorno pacífico e propiciado por este ambiente que Rosa Maria sofre o maior de todos os choques: a constatação de que o seu primo Fernando - por quem ela nutria uma paixão que julgava secretamente correspondida - a procura bêbedo e com outras intenções que não aquela que tão idílica e romanticamente esperara.

Irá, assim, produzir-se uma transformação na nossa protagonista, que consistirá no seu “crescimento” (“crescimento” ou “sobrevivência”?) no seio da família e da sociedade que a acolheu.

Assim, ao averiguar a realidade que a rodeia com outros olhos e após um longo período depressivo, Rosa Maria revela-se “outra”, ao agir e reagir de forma diferente: fria, cínica, irónica, calculada, tocando, quase, a indiferença perante os outros. Não obstante, e curiosamente, não podemos considerar que esta mudança de atitude por parte desta protagonista revele uma personalidade totalmente diferente da original: não existe, pois, uma fractura com a essência daquela personagem feminina. E essa constatação faz-se, precisamente, e mais uma vez, quando, no fim da novela, Rosa Maria, para conter mais um dos seus acessos de nervosismo e de fraqueza – que ela sabe não lhe ser perdoado pelo mundo que a rodeia -, se dirige à janela do seu quarto para procurar o tão almejado “apaziguamento”, a cumplicidade e a sabedoria de lidar no seu dia-a-dia – em todos os Domingos – com aquela sociedade que a rodeia.

“Os seus olhos procuraram o Sanatório, o pinhalzinho logo abaixo, a linha das serras longínquas, a ermida branca e vermelha de Sant’Ana: Eram amigadas dos seus olhos. Belos passeios que tem Portalegre, para dar aos Domingos... «Davam grandes passeios aos domingos...» Pela estrada da Serra, para os lados de Reguengos, pela Estrada de Alpalhão ou à Cruz da Penha, para a Ribeira de Niza ou por entre os altos eucaliptos senhoriais da Estrada de Arronches, da Estrada de Castelo de Vide... Desde que principiasse a devanear, Rosa Maria aliviava. O seu terrível momento passara, por

então. Só estava um pouco assustada por ainda se ver sujeita àqueles acessos. Domina-los-ia, porém. Correu outra vez, devagarinho, a lingueta da chave; disse do corredor:

- Já lá vou, tia Alice! Vê como já passou? Estou perfeitamente bem.

E voltou dentro para chapejar os olhos com água." (Régio, 1968: 88-89)

4. Outra personagem que aqui pretendo avultar é, conforme já referi, também ela, Rosa: mas, a protagonista da "História de Rosa Brava". Esta história tem, similarmente, como espaço da acção, o Alto Alentejo. Não obstante, a história desenrola-se nos arredores da vila de Castelo de Vide, designadamente na propriedade em que habitava Rosa e sua família.

Assim, na "História de Rosa Brava" começa por se retratar o que parece tratar-se de uma vulgar família, que vivia das rendas de parte de "boa lavoura" que a mãe de Rosa, Margarida, trouxera como dote, quando se casara com Rodrigo, o pai da protagonista. Apesar de inicialmente podermos julgar que esta seria uma família vulgar, sem grandes percalços, gradualmente vão-nos sendo apresentadas personagens e situações que fazem desta uma família com contornos particulares: Margarida, de origens bem abastadas, casara com um sujeito grosseiro, mandrião, caprichoso, instável e mulherengo – o Rodrigo. Cegamente apaixonada pelo marido, perdoava-lhe as inúmeras infidelidades; as agressões físicas e psicológicas; o desbaste no dote. Representa a mulher-amante que não se vê e nega-se a ser, também ela, mulher-dona de casa, mulher-mãe, pelo que delega na sua filha mais velha, Isabel – "a boa, a activa, a discreta, a circunspecta Isabel" (Régio, 1968: 159) – os cuidados dos restantes filhos e o governo da casa.

Curiosamente, quem lê o conto, logo no início - em apenas um parágrafo, no primeiro - depara-se com a enumeração de todos os filhos de Margarida e Rodrigo, nomeadamente: Isabel, Rosa, Chico, o Quim-Quinzito (que morrera bebé) e Marília. Mas o início do primeiro capítulo desta História, é totalmente devotado à encantadora, delicada e bela Marília, a mais nova, que "por seus modos mui afáveis, seus gestos mesurados e macios, seus movimentos de cisne, e um sorriso e um meio baixar de pálpebras tão doces, tão discretos, que eram a sedução de toda a gente" (Régio, 1968: 154). Rosa, só merecerá atenção, por parte do narrador, mais tarde (bem mais!...) no Capítulo V ("The last, but not the least.") com, precisamente, estas palavras:

“Pois restava a outra. Não sem um íntimo impulso de hostilidade era o pai forçado a pensar na *outra*. Aliás, não sem o mesmo sentimento pensavam, geralmente, na *outra* quaisquer parentes.” (Régio, 1968: 166)

A “*Outra*” – Rosa - , cognominada por todos como “Rosa, a brava”, ou simplesmente, “Rosa Brava” pois que era “um ser anormal, uma criatura incompreensível e agreste, um bicho maligno ou espírito ruim” (Régio, 1968: 166); uma rapariga que era acometida por uma hiperactividade de contornos malignos, caracterizada por excessos de diabruras e birras e alternada com “sombrios períodos de silêncio e soturnidade”³. Fria e áspera (de modos e palavras), isolava-se dos restantes. No entanto, dedicava-se a “uma caridade mal entendida” para com gatos extraviados, pobres mendigos e vagabundos de aparência duvidosa, denotando, através destes actos, bondade e humanidade.

Embora apaixonada pelo primo, Rogério (filho de Tia Glória, mulher ilustre de Castelo de Vide e Madrinha de Marília...), Rosa negara o seu pedido de casamento, com o intuito de evitar que este fosse ridicularizado e marginalizado pela sociedade que a considerava um ser estranho, relegando-o, assim, para a sua irmã, a bela Marília, aquela que seria a mulher ideal numa sociedade regulada e reguladora, que privilegiava a beleza exterior e a submissão e que negava a mulher com vontade própria, independente, livre.

E, num breve apontamento, porque, independentemente da matéria que se trata na presente conferência, relewa, mais uma vez, o autor que nunca se esqueceu de nós, Portalegrenses, norte alentejanos, brindando-nos com breves referências: se nos reportarmos ao episódio em que Rosa brava pondera a declaração e proposta de seu primo, em determinada noite de lua, eis que nos surge mais uma vez o espaço físico alentejano como cúmplice da tristeza da nossa protagonista:

“Deixou-se ficar olhando o horizonte, que principiava a tingir-se dum rubor muito diluído. Tamancos sonoros matracavam na estrada, começava a circular gente. Foi, depois, a caminheta de Portalegre que passou, resfolegando, a caminho da estação. E como soprava, a espaços, uma aurazinha gélida, que arrepiava, e tinha qualquer coisa do ar que vem duma gruta, o cantar dos galos ao longe tornava-se misterioso e dilacerante.” (Régio, 1968: 190)

Rosa termina, assim, os seus dias: solteira e só, mas livre - livre da tutela marital, parental e social - na casa (a origem) que sempre conhecera, pois que, como refere o narrador:

³ Cf. José Régio, *Op. Cit.*, p. 167.

“(…) queria a sua independência. Deixassem-na! Mas deixassem-na! que ali ficaria, sob aquelas telhas, na simples companhia de qualquer moça, a tratar do seu quintal e dos seus gatos, a sair e a entrar quando quisesse, a viver consigo mesma à sua vontade... e sem ninguém a quem fizesse sofrer ou a fizesse sofrer a ela.” (Régio, 1968: 199)

5. Ora, como é do conhecimento de todos – e aspecto notavelmente retratado na conferência anterior a esta, “Monstruosidade e Perfeição na Obra de José Régio”, pela Senhora Professora Doutora Maria da Natividade Pires - José Régio concebia e construía figuras ficcionais de carácter excepcional que se apresentavam, explícita ou implicitamente, como «monstruosidades» (Piva, 1975: 59-68 e Lisboa, 1978: 49-53), aberrações, interpretáveis no âmbito da natureza humana.

Estas criaturas, de certa forma, imperfeitas e perversas - física, psicológica, religiosa, moral, social ou economicamente – denotam, como consequência destes seus aspectos ou dos criteriosos “Mistérios da miserável natureza humana!” (Régio, 1968: 21), uma dor e sofrimento quase indizíveis, mas são apreciadas sensorialmente por parte do leitor. São, por isso, personagens intensas, egrégias e extraordinárias.

O espírito religioso e devoto, patente em toda a criação literária do autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* confina, assim, o fado destas personagens ao de outras tantas figuras do Evangelho que se distinguiram e são consideradas magníficas (e recordemo-nos do episódio em que Rosa Maria se lembra da cruz no cimo da Penha...), tendo, no entanto, sofrido intensamente.

Justifica-se, assim, a etimologia primeira da palavra “monstro” - ‘prodígio, coisa incrível, maravilha’ (Ferreira, 1988: 738) – no emprego do vocábulo “monstruosidades” a algumas figuras ficcionais criadas por José Régio.

E, enquanto seres sofredores, que acabam por constituir, em si mesmo, uma forma de redenção - posto que há que pagar um preço por e para se ser grande – podemos denominá-las, também, de “personagens-provação”.

Deste modo, podemos incluir Rosa Maria e “Rosa, a Brava” (Régio, 1968: 165) no agregado das personagens sofredoras – porventura mártires? (E mais uma vez, a cruz da Penha... “lá pairava, no alto das fragas, esse *símbolo do martírio*” (Régio, 1968: 167)), - que albergam, em si, valores considerados negativos e condenados a nível social, na realidade da mulher dos anos 30/40.

Estas duas personagens-provação são, também, alvo de uma monstruosificação corporal que não queria deixar de salientar. Na verdade, ambas, quando sofrem psicologicamente ou passam por um processo doloroso de crescimento interior, experimentam uma transformação física:volvem-se feias; tornam-se mais monstruosas. A monstruosidade física progride a par da evolução do sofrimento, do martírio: a redenção psicológica, emotiva concretiza-se no feio corporal.

Por exemplo, Rosa Maria, na fase final da depressão que a deitara algumas semanas na cama, quando retratada fisicamente, apela, mesmo, a um certo repúdio físico, sendo apresentada da seguinte forma:

“Emagrecera e envelhecera que parecia outra. Só um poeta a poderia achar ainda bonita! Um poeta romântico – talvez ainda mais bonita! Embora devesse às vezes estranhar-lhe uma expressão dura e fria, que dantes não era a sua... Quaisquer olhos vulgares mal reconheceriam nela a Rosa Maria de há um mês; e achariam que afinal, *aquela*, já não era muito nova nem nunca deveria ter pertencido à categoria das mulheres fascinantes.” (Régio, 1968: 76)

Do mesmo modo, Rosa Brava apresenta traços físicos de disformidade gradual, quando experimenta uma angústia atroz que se deve à declaração inesperada do primo. É-nos, por isso, assim apresentada:

“Três dias andou Rosa brava com os olhos como espantados, (era então que o seu estrabismo se chegava a tornar desagradável) e uma ardência de febre em volta das olheiras bistre.” (Régio, 1968: 190)

É, portanto, no âmbito do martírio, da angústia e do sofrimento, que Rosa Maria e Rosa Brava apresentam uma disformidade física medonha – sofrem uma monstruosificação – atingindo, em contrapartida, um crescimento interior, uma dimensão superior de carácter psicológico e emotivo, um conhecimento místico proeminente: a desejada redenção.

Estaria, com estes exemplos (e outros tantos...), o autor a chamar a atenção do leitor para a grandiosidade, a monstruosidade que a mulher da época mantinha escondida e apagada devido à sociedade castradora que a rodeava? Estaria Régio a demonstrar que a mulher só cresceria interiormente – só se tornaria verdadeiramente bela - quando se revelasse um verdadeiro monstro perante os que a rodeavam? Assim, aquilo que a sociedade veria

como monstro, como feio, seria na realidade o prodigioso e maravilhoso, na verdadeira acepção da palavra. Seria a mulher a despertar, a revelar-se, a libertar-se.

Na verdade, Rosa Maria e Rosa Brava, como personagens-provação, como “monstros” que representam, retratam a banalidade e a fealdade físicas, a tristeza, a solidão, a insubmissão e a loucura; sofrem e traduzem a miserabilidade humana; representam a insociabilidade afectiva ou social, mas expressam a individualização, a autonomia, a independência - a libertação.

6. Por fim, (e tanto mais que há para dizer destas duas personagens femininas!...), retornemos a um aspecto com que introduzi a apresentação destas personagens na presente conferência - o nome próprio das mesmas.

Ambas apresentam o mesmo nome próprio – Rosa - obrigando o leitor a distingui-las, a reconhecê-las na sua interioridade, conforme já referi. Na verdade, cada qual apresenta contornos distintos.

A Rosa de “Davam Grandes Passeios aos Domingos” é melancólica, tímida, sonhadora, romântica, ingénua, inocente, passiva; a Rosa de “História de Rosa Brava” é efusiva, extrovertida, realista, manifestava claramente o “ódio que tinha à comum falta de entendimento” (Régio, 1968: 180), era activa.

A primeira apresenta-se com uma beleza vulgar, a segunda com traços que apontam para alguma fealdade. Na verdade, e curiosamente, a descrição física de ambas é feita por elas próprias, e sempre que pensam nos seus objectos de paixão, sendo que Rosa Maria refere mesmo “Não tenho nenhuma beleza particular” (Régio, 1968: 39) e Rosa Brava se descreve com expressões como “magra e um pouco desajeitada”, a “expressão agreste e o leve estrabismo”, o nariz “direito, palpitante”, a “boca um pouco grande”, o “buçozinho” (Régio, 1968: 185), entre outros aspectos.

Rosa Maria sofre por um amor não correspondido, Rosa Brava sofre por não poder corresponder a um amor.

A protagonista de “Davam Grandes Passeios aos Domingos” reflecte a inconstância das ondas do mar, nos seus acessos de tristeza, melancolia, depressão, sendo (talvez por isso) denominada “Rosa **Maria**”; a protagonista de “História de Rosa Brava”, pela sua diferença e originalidade é “a outra”; pelo seu carácter indomável é “Rosa, a brava” e, por fim, pela sua audácia, “Rosa Brava”.

Não obstante, ambas representam simbolicamente uma flor caracterizada por ter espinhos: um apontamento feio, disforme no âmbito da sua beleza física; um apontamento

fero, de agressividade, de força que rivaliza com a sua delicadeza, a sua fragilidade; um apontamento de liberdade, de independência, de insubmissão que contraria o simples acto de a colher.

E assim são as nossas duas personagens femininas de *Histórias de Mulheres*: duas rosas que - mesmo sofrendo sequelas das intempéries da natureza que as cinge - crescem, florescem, manifestam uma beleza interior que ultrapassa uma exterior quase ausente; deixam transparecer uma força inesgotável, um carácter lutador e que, com os seus espinhos, não se deixam submeter aos meros caprichos de uma sociedade, revelando uma essência feminina apagada e tão pouco explorada numa época em que vingava o masculino; a tutela masculina parental, social, marital. Na verdade, uma essência feminina de carácter prodigioso que José Régio soube retratar de forma extraordinária.

Referências Bibliográficas:

D'Ascensão, M. J. M. (2007). *A Construção da Personagem Feminina em Histórias de Mulheres de José Régio*. Lisboa, Casal de Cambra: Caleidoscópico.

Ferreira, A (1988). *Dicionário de Latim – Português*. Porto: Porto Editora.

Lisboa, E. (1978). *José Régio. Uma Literatura Viva*. Colecção "Biblioteca Breve". Amadora: Instituto da Cultura Portuguesa.

Piva, L. (1975). *José Régio – O Ser Conflituoso*. Brasília: Clube de Poesia de Brasília.

Régio, J. (1968). *Obras Completas: Histórias de Mulheres - Conto e Novela*. Lisboa: Portugália Editora.

Régio, J. (1969). *Obras Completas: Poemas de Deus e do Diabo – Poesia*. Lisboa: Portugália Editora.